

DE COSTAS VOLTADAS.
(AS DIVERGÊNCIAS DE INTERESSES TEMÁTICOS ENTRE
OS JORNALISTAS E OS ACADEMICOS)

Ricardo Jorge Pinto
Universidade Fernando Pessoa

Frequentes vezes, a comunidade jornalística queixa-se de que a investigação académica ignora as suas necessidades essenciais. Frequentes vezes, a comunidade académica queixa-se de que as práticas jornalísticas ignoram as suas recomendações.

Estas reclamações são um sintoma preocupante de desfazamento entre duas partes que deveriam estar próximas. O problema não é novo, nem sequer recente. Já na última década de 50, os repórteres e editores denunciavam a falta de suporte teórico de apoio às suas tarefas, num momento em que se previam alterações estruturais à função jornalística. Por essa altura, os teóricos da comunicação estavam ainda demasiado preocupados com os esquemas de relacionamento entre os media e as audiências massificadas, negligenciando as evidentes lacunas de comunicação entre os jornalistas e as suas fontes de informação, como revelavam nessa época alguns inquéritos de carácter escolar (Melvin, 1956). Por outro lado, os estudiosos do jornalismo revelavam que o perfil do jornalista médio apresentava índices de preparação académica e cultural pouco adequados a uma devida sensibilidade para a absorção de recomendações normativas e funcionais em relação às suas tarefas de produção informativa (Rivers, 1965).

Na década de 60, os teóricos da denominada segunda vaga do Novo Jornalismo defendiam a necessidade de uma reflexão profunda sobre a real função informativa dos media, que tardava em se adequar aos novos pressupostos funcionais (Wolfe, 1975). Ainda assim, os teóricos desse Novo Jornalismo mostraram estar muito à frente da realidade jornalística. As mudanças comportamentais que eles advogavam - a substituição de um modelo essencialmente descritivo do texto jornalístico por um modelo analítico,

ou a adopção mais frequente de fontes anónimas em algumas secções informativas - aconteceram a um ritmo muito mais lento do que o tinham previsto, e em alguns casos demoraram décadas a terem efeito prático. Por exemplo, um estudo sobre a evolução do jornalismo político na Imprensa de qualidade, verifiquei que só na década de 90 jornais como o *Diário de Notícias*, de Lisboa, ou *The Times*, de Londres, revelavam índices de texto analítico relevantes nas suas peças noticiosas (Pinto, 1997).

Este desfasamento entre a investigação académica e a prática jornalística prolongou-se até aos dias de hoje e são escassos os sinais de que a situação esteja a alterar-se significativamente. Nesta comunicação, começarei por fazer um inventário de algumas áreas onde a investigação teórica não se adequa às reais necessidades dos repórteres e editores. Em seguida, tentarei sugerir alguns instrumentos metodológicos e conceptuais que poderão ser aplicados para uma real avaliação deste problema na actualidade, com vista ao seu progressivo esbatimento.

Uma leitura atenta dos títulos de artigos das principais revistas científicas na área do jornalismo e dos livros produzidos por académicos sobre o trabalho dos jornalistas dá-nos uma ideia de quais são as preocupações mais relevantes para a comunidade dos teóricos¹. Os temas que mais se destacam nestas publicações podem ser sintetizados em três pontos genéricos²:

- 1- O impacto das novas tecnologias da comunicação parece estar no topo de uma tabela de interesses. As diferenças entre as edições em papel e as edições electrónicas de

1. Refiro-me a publicações como a revista de *Comunicação e Linguagens*, os *Cadernos de Estudos Mediáticos* (Universidade Fernando Pessoa) ou os livros publicados em séries dedicadas ao Jornalismo (como a da editora Minerva ou da Campo das Letras). O teor dos textos destas publicações não é de todo divergente com aqueles que se encontram maioritariamente em publicações de referência noutros países, nomeadamente jornais como o *Journalism Quarterly*, *Mass Communication and Society* (EUA) ou *Journalism* (Inglaterra).

2. Esta síntese é meramente empírica, obedecendo apenas a uma observação atenta dos títulos dos artigos. Na verdade, parece-me justificar-se uma análise quantitativa e qualitativa adequada para perceber as actuais tendências da investigação sobre o jornalismo.

jornais e revistas, as transformações provocadas nas emissões radiofónicas pela tecnologia digital ou as consequências da televisão interactiva no alinhamento dos jornais televisivos são exemplos de questões que dominam a atenção da comunidade académica.

- 2- A outro nível, o futuro da profissão jornalística, perante os desafios de um ambiente de convergência de plataformas comunicacionais, traz para as páginas das publicações científicas especializadas o território da percepção das modificações que se irão operar no trabalho dos repórteres e dos sujeitos da informação. A noção de que os jornalistas poderão vir a ser substituídos por uma classe mais versátil de profissionais, a que alguns já chamam produtores de conteúdos, é tema de discussão e de investigação dominante entre a comunidade académica³.
- 3- Um tópico diferenciado impera naquelas publicações: os efeitos das mensagens jornalísticas junto das audiências. Os teóricos continuam a insistir na importância da teoria dos efeitos, revelando interesse na compreensão da forma como as notícias alteram, ou não, o comportamento das pessoas que as recebem. Um exemplo é a actualidade que ainda mantém o estudo do *agenda-setting*, com as sucessivas actualizações e adaptações feitas pelo seu autor (McCombs, 1976).

Estes três tópicos, embora longe de serem monopolizadores e exclusivos, congregam uma parte significativa dos estudos realizados nos últimos anos à volta da actividade jornalística⁴. Estudos esses que partem do interior dos departamentos de jornalismo das universidades, dos centros de estudos das faculdades de comunicação e dos observatórios de jornalismo.

3. Este ponto de interesse pode ser explicado à luz de uma orientação da investigação académica para as preocupações dos alunos de cursos de comunicação.

4. Como é evidente, não nego a existência de outros tópicos de investigação. Considero apenas que esses são minoritários no actual cenário "main stream" da investigação teórica sobre o jornalismo.

Do lado de fora destes laboratórios e salas de aula, os jornalistas continuam, como o fazem há várias décadas, a olhar decepcionados para o interesse dos académicos e com alguma desconfiança para o resultado das investigações teóricas (cf. Hess, 1981; Rémi, 1984; Sigal, 1973). As suas preocupações parecem estar longe do alvo da análise dos teóricos⁵.

Se é verdade que as novas tecnologias da comunicação já não são um fenómeno de ficção científica, não é menos verdadeiro que o seu impacto na produção informativa ainda está numa fase embrionária, com poucos reflexos nas rotinas diárias dos jornalistas. As edições electrónicas dos jornais (na maioria dos títulos) são produzidas por grupos restritos de jornalistas e com poucas alterações editoriais em relação às versões em papel (cf. Bastos, 2000). Em muitos casos, as edições electrónicas são ainda controladas por normas rígidas de adaptação das edições em papel, deixando aos repórteres e editores pouca margem de manobra em termos de interferência no conteúdo e na forma. Isto, apesar de ser notório o aumento de visibilidade dessas edições on-line e o crescente interesse no aproveitamento das suas capacidades comunicativas - nomeadamente no que diz respeito à sua velocidade de actualização informativa.

Assim, pode dizer-se que o primeiro tópico de interesse dos teóricos (relacionado com as novas tecnologias da comunicação) tem ainda um grau de relevo restrito na discussão actual entre a comunidade jornalística.

O futuro da profissão, o segundo grande tópico académico, está já a ser discutido nos fóruns jornalísticos. Por exemplo, ainda recentemente o presidente do Sindicato dos Jornalistas Portugueses referiu a crescente preocupação em definir as fronteiras da profissão⁶.

5. Esta percepção baseia-se sobretudo em dois pilares: análise de alguns artigos de opinião publicados em jornais diários e semanários e redigidos por repórteres e editores; e averiguação empírica dos anseios e necessidades dos jornalistas (o autor desta comunicação é também jornalista e convive diariamente com um leque variado de repórteres e editores).

6. Refiro-me a uma comunicação sobre a definição da profissão de jornalista, realizada a 19 de Outubro de 2002, em Vila Nova de Cerveira, num colóquio organizado pela Associação de Homens de Letras e Jornalistas do Alto Minho.

Exemplo dessa situação referida pelo sindicalista é a pressão de alguns grupos profissionais para tentar obter o estatuto de jornalista, entre os quais os infográficos, os montadores de imagem e os paginadores. Mas, na comunicação do presidente do Sindicato dos Jornalistas, ficou também evidente que esse debate está ainda numa fase inicial e restringe-se à aquisição de direitos fundamentais. Ou seja, o Sindicato ainda não admite sequer falar nos fenómenos de convergência e toma a discussão da produção de conteúdos para vários media como um assunto que ainda precisa de alguma sustentação para ser alvo de preocupação prática dos jornalistas⁷.

O terceiro tópico (dos efeitos), até pelo seu carácter essencialmente teórico, também está longe do olhar presente dos jornalistas. Nas últimas conferências da Arrábida⁸, as conclusões de um painel referiam um sentimento certamente partilhado por muitos profissionais: um jornalista não pode estar preocupado com as consequências dos seus artigos, sob risco de ver ameaçada a faculdade de ser isento no tratamento informativo das suas peças. Aliás, já nos seus primeiros trabalhos sobre a questão do *agenda-setting*, McCombs (1972) referia que o assunto não constituía um factor de interesse dos jornalistas, numa constatação que o teórico considerou relevante para o estudo da matéria.

As preocupações da comunidade jornalística parecem ser outras. Ainda recentemente, o caso de um jornalista que foi detido por se recusar a revelar, em tribunal, a identidade de uma fonte de informação, desencadeou uma polémica sobre as condições do trabalho de investigação dos jornalistas em Portugal⁹. Nesse debate público, foi manifestada a necessidade de existirem mais investigações académicas

7. Ainda assim, a questão de pagamento suplementar aos jornalistas por peças informativas que sejam publicadas nos suportes on-line dos media já foi ponto de discussão e divergência entre jornalistas e empresários de comunicação social.

8. Refiro-me ao debate sobre a eficácia do jornalismo de investigação, no âmbito das conferências realizadas em Outubro de 2002 e organizadas pelo jornalista José Vegar.

9. José Luís Manso Preto, colaborador do semanário *Expresso*, foi detido por desobediência ao tribunal, em Outubro de 2002, quando reiterou a vontade de não identificar a fonte de informação que lhe revelou dados pertinentes para o caso em julgamento, em que compareceu como testemunha de defesa.

que analisem aquelas condições de trabalho, bem como reflexões teóricas sobre os direitos e as limitações da função jornalística.

Este é, apenas, um exemplo de descontentamento da classe jornalística perante o desfasamento de interesses da comunidade científica. Os temas de carácter ético e deontológico deveriam, talvez, por isso, ser mais frequentes vezes tratados nos artigos teóricos.

Mas não são apenas as questões éticas que dominam as conversas profissionais. Nos grupos de discussão do "site" *Eu Sou Jornalista* (www.eusou.com - uma das mais referenciadas páginas electrónicas vocacionadas para a comunidade jornalística em Portugal) são frequentes os debates sobre técnicas de tratamento de informações; a posição dos jornalistas em situações de guerra, ou perante situações de terrorismo; as dificuldades de isenção dos jornalistas perante os vários grupos de pressão.

No contacto com os jornalistas portugueses, é fácil perceber o interesse pelos seguintes assuntos:

- a complementaridade entre os vários media, sobretudo numa altura em que esses meios de comunicação sofrem processos de alteração estrutural;
- a qualificação dos media regionais;
- o crescente tratamento sensacionalista de determinados assuntos noticiosos;
- a separação de terreno entre a informação e o entretenimento (veja-se o debate que suscitou a introdução de notícias sobre o programa televisivo *Big Brother* no alinhamento dos noticiários da estação privada TVI);
- a definição do conceito de serviço público de televisão (veja-se a polémica suscitada pelo anúncio do Governo português da intenção de remodelação da estação pública de televisão, RTP, para melhor a adequar ao espírito de serviço público);
- a legitimidade de transição dos profissionais da comunicação entre o jornalismo e as assessorias de Imprensa (veja-se o debate sobre a credibilidade dos jornalistas que já foram assessores de políticos e regressam aos

- meios de comunicação social para escrever peças de jornalismo político);
- a diminuição do uso de depoimentos na peças noticiosas (veja-se o debate sobre a diluição dos registos magnéticos nos noticiários radiofónicos, ou a redução das "vozes-on" nas peças televisivas ou nos artigos de jornais e revistas);
 - a separação entre a análise e a opinião (veja-se a polémica criada pela decisão do jornal *Público* de introduzir peças de análise ao lado dos artigos informativos, para remeter para esses espaços a visão interpretativa dos jornalistas, à semelhança do que jornais como *The New York Times* tinham feito há várias décadas);
 - a delimitação de fronteiras entre as diversas secções temáticas dos media (veja-se a discussão suscitada à volta da necessidade de os jornalistas de política, de economia e do desporto criarem equipas para tratar o tema do campeonato europeu de futebol que se realizará em Portugal em 2004).

Estes temas deveriam, em meu entender, ser objecto de mais atento trabalho de reflexão teórica. Não apenas porque constituem elementos decisivos da formatação actual do campo informativo, mas também porque fazem parte do universo de preocupações prioritárias dos jornalistas. Por isso se compreende que sempre que os jornalistas se tornam teóricos (ou vice-versa) os seus trabalhos revelam uma maior proximidade a estes temas. Quando o actual director de informação da RTP pensou no tema para a sua tese de doutoramento, foi a postura do jornalista em cenário de guerra que ele escolheu tratar. Orlando Raimundo, jornalista de política do semanário *Expresso*, está a terminar a sua tese de mestrado em Jornalismo e o tema que seleccionou foi o da relação entre os repórteres e os políticos, numa altura em que esta área informativa está sob enorme pressão.

Uma causa provável do desentendimento entre a comunidade jornalística e académica está no perfil dos seus membros. Os

estudos estatísticos revelam que, em diferentes países, um número crescente de jornalistas possui formação académica na área da comunicação (cf. Weaver e Wilhoit, 1991). Este dado permite concluir que, num futuro próximo, existirá uma maior homogeneidade entre aquelas duas comunidades. Essa homogeneidade, aliada ao aumento provável de acumulação das funções de jornalista e de docentes de jornalismo (à medida que os jornalistas se interessarem mais por carreira académicas paralelas), tenderá a diluir os contornos do problema aqui analisado.

Até lá, penso que deveria haver um esforço de ambas as partes em perseguir interesses comuns: da parte dos jornalistas, tornando mais perceptíveis as suas preocupações e participando mais activamente em iniciativas de discussão científica dos seus problemas; da parte dos teóricos, saindo dos seus gabinetes e tomando o pulso à realidade dos media.

Se não o fizerem, correm o risco de ficarem a falar sozinhos. De costas voltadas.

BIBLIOGRAFIA

- Bastos, H. (2000), *Jornalismo Electrónico*. Coimbra: Minerva.
- Hess, S. (1981), *The Washington Reporters*. Washington D.C.: The Brooking Institution.
- McCombs, M., Shaw, D. (1972), "The Agenda-Setting Function of the Press", *Public Opinion Quarterly* 36: 176-187.
- McCombs, M., Shaw, D., Grey, D. (1976), *Handbook of Reporting Methods*. Boston: Houghton Mifflin.
- Melvin, R. (1956), *The Need to Understand Sources of Information*. Austin: The University of Texas Press.
- Pinto, R. (1997), *The evolution of the structure of political journalism in four 'quality' newspapers*. Unpublished PhD thesis: The University of Sussex.
- Rémi, R. (1984), *L'Élite des Journalistes: Les Hérauts de l'Information*. Paris: PUF.
- Rivers, W. (1965), *The Opinion Makers*. Boston: Beacon.
- Sigal, L. (1973), *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking*. London: D.C. Heath and Company.
- Weaver, D., Wilhoit, G. (1991), *The American Journalist: A Portrait of U.S. News People and Their Work*. Bloomington: Indiana University Press.
- Wolfe, T. (1975), *The New Journalism*. London: Picador.